

From Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and Domestication of Being

Fagner Torres De França

Received: 14 December 2019 Accepted: 2 January 2020 Published: 15 January 2020

Abstract

In this essay, we intend to approach how Peter Sloterdijk relates to the thinking of Martin Heidegger when questioning the humanist definition of man and proposing the notion of Anthropotechnics. To this end, the article begins by exposing Heidegger's conception of Technique and Humanism, and Ernst Jünger's influence on this issue. Then, when dealing with the question of being and ontological difference, the peculiar treatment that Sloterdijk offers to the ontological question is presented by articulating the history of being with a kind of genealogy of the clearing, bringing to the foreground certain intuitions of Friedrich Nietzsche about the beginnings of the human species. To conclude, Sloterdijk's thinking is developed, culminating in what he calls ontoanthropology, a notion presented in the work *La Domestication de l'Être*, and possible applications to issues related to biotechnology and contemporary media - which allows us to think a machinic history of being under the doubly complex bias of anthropology and ontology.

Index terms— onto-anthropology, anthropotechnics, domestication of being, humanism, post-humanism.

1 I.

Sobre A Filosofia filosofia, em especial a contemporânea, nunca foi tão necessária para refletir sobre as grandes questões ético-políticas que dominam a época e suas constantes transformações. Quanto mais o niilismo se alastra sobre a Terra, tanto mais necessário se torna o questionamento do presente. O presente, ele mesmo mutante, apresenta-se à humanidade como o que foi destinado ao ser na sua errância cósmica.

A ciência e a técnica modernas transformaram quase por completo a ecologia da Terra, alterando as relações sociais, produzindo novas subjetividades e, ao mesmo tempo, fabricando uma maquinaria que, de tão sofisticada e avassaladora, traz à tona a questão de saber que destino resta ao humano, em um mundo tomado por uma espécie distorcida de revolução permanente inscrita na dinâmica interna das sociedades avançadas.

A contemporaneidade está marcada pelo signo do monstruoso. Porém, um monstruoso que só pode ser vislumbrado por um pensamento alçado aos extremos. É de um estilo intelectual vertido no extremo que o pensamento necessita, para se colocar perante o mundo de maneira a pensar o inaudito da dominação planetária: precisamente, uma filosofia de novo tipo, entendida como atividade radical do pensamento, em que se dá, com propriedade, a passagem da atividade vulgar da razão a um estado de exceção filosófica. 1 Digamos então que é preciso, a um só tempo, por um lado, estabelecer uma distância considerável frente aos ditames do presente, e por outro, promover uma aproximação mais fundamental do que nenhum pensamento já chegou a fazê-lo, com relação ao que deve ser pensado, para que só então as problemáticas referentes ao ser se apresentem com a pertinência filosófica que a época reclama. Mais do que nunca, torna-se premente pensar o não-pensado. A 1 Cf. Peter Sloterdijk, "Les grandes circonstances", in *La domestication de l'être: pour un éclaircissement de la clarière*. Mille et Une Nuits, 2000, p. 7ss.

Resumo-Neste ensaio, pretende-se abordar como Peter Sloterdijk se relaciona com o pensamento de Martin Heidegger ao questionar a definição humanista do homem e propor a noção de Antropotécnica. Para isso, o artigo inicia expondo a concepção de Heidegger acerca da Técnica e do Humanismo e a influência de Ernst Jünger nesta problemática tratada pelo filósofo da Floresta Negra. Em seguida, ao tratar da pergunta pelo

3 A MOBILIZAÇÃO TOTAL DA TÉCNICA MODERNA

45 ser e da diferença ontológica, é apresentado o peculiar tratamento que Sloterdijk oferece à questão ontológica ao
46 articular a história do ser a uma espécie de genealogia da clareira, trazendo para o primeiro plano certas intuições
47 de Friedrich Nietzsche sobre os primórdios da espécie humana. Para concluir, desenvolve-se o pensamento de
48 Sloterdijk que culmina no que ele nomeia de ontoantropologia, noção apresentada na obra *La Domestication de*
49 *l'Être*, e possíveis aplicações a problemáticas ligadas à biotecnologia e às mídias contemporâneas -o que permite
50 pensar uma história maquínica do ser sob o viés duplamente complexo da antropologia e da ontologia.

2 Palavras-chave:

52 onto-antropologia, antropotécnica, domesticação do ser, humanismo, pós-humanismo. Abstract-In this essay,
53 we intend to approach how Peter Sloterdijk relates to the thinking of Martin Heidegger when questioning the
54 humanist definition of man and proposing the notion of Anthropotechnics. To this end, the article begins by
55 exposing Heidegger's conception of Technique and Humanism, and Ernst Jünger's influence on this issue. Then,
56 when dealing with the question of being and ontological difference, the peculiar treatment that Sloterdijk offers
57 to the ontological question is presented by articulating the history of being with a kind of genealogy of the
58 clearing, bringing to the foreground certain intuitions of Friedrich Nietzsche about the beginnings of the human
59 species. To conclude, Sloterdijk's thinking is developed, culminating in what he calls ontoanthropology, a notion
60 presented in the work *La Domestication de l'Être*, and possible applications to issues related to biotechnology
61 and contemporary media -which allows us to think a machinic history of being under the doubly complex bias of
62 anthropology and ontology.

3 A Mobilização Total da Técnica Moderna

64 Martin Heidegger foi um desses seres que, impregnados de seu tempo, transformaram o pensamento para sempre.
65 Não por acaso, propôs com enigmática maestria a pergunta pelo ser, investigou a essência da técnica e do niilismo,
66 e pôs-se a meditar sobre o que chamou de pensamento essencial. Sobretudo, não deixou jamais de questionar a
67 história moderna, entendida como destino do ser na escalada planetária da técnica.

68 Heidegger colheu elementos importantes para desenvolver a questão da técnica e do niilismo em um escrito
69 no qual seu contemporâneo Ernst Jünger apresenta o conceito de mobilização total, elemento importante
70 para caracterizar a consumação da técnica moderna, "uma época cujo elemento fundamental é a guerra": "A
71 mobilização total é consumada por ela mesma muito mais do que por nós; ela é, na guerra e na paz, a expressão
72 da reivindicação misteriosa e compulsória à qual nos submete essa vida da época das massas e máquinas". 2
73 Contudo, para Heidegger a técnica não pode ser entendida apenas sob o viés técnico. Em um momento histórico
74 no qual o homem e as coisas são tomados no movimento total da técnica planetária, é necessário ir além e se
75 questionar pela essência da técnica. É com essa preocupação de fundo que Heidegger, ao recolocar a questão sob
76 uma perspectiva ontológica, concernente portanto ao ser, define a técnica como uma certa forma de desvelamento
77 por meio do qual o ser se apresenta. 3 Muito mais importante do que pensar a técnica sob o prisma da ciência
78 ou da tecnologia, trata-se de evidenciar a maneira como o desvelamento do ser se dá no destino epocal moderno-
79 contemporâneo -algo próximo da intuição de Jünger, que diz: "O lado técnico da mobilização total, no entanto,
80 não é o decisivo. Antes, seu pressuposto, como o pressuposto de toda técnica reside mais no fundo. Aqui, nós
81 o trataremos como prontidão para a mobilização". 4 Essa prontidão de que fala Jünger não é senão a dinâmica
82 automática própria às sociedades tomadas por uma mobilização virtualmente completa do ente em sua totalidade,
83 muito além da vontade humana, e que talvez um dia possa vir a ser chamada de máquina pura. O perigo latente
84 à mobilização total se faz perceber quando tudo o que se faz e se produz não objetiva outro fim a não ser a
85 reprodução de dispositivos e micro-racionalidades na disposição totalitária da técnica. Alçada ao domínio sobre a
86 natureza, estrutura ao mesmo tempo as ordens internas às sociedades, submetendo tudo o que vige a uma intrusão
87 inapelável, a um só tempo técnica e histórica, na paz e na guerra. A própria physis ancestral, representada pela
88 Terra e pelos seres vivos, encontrase submetida aos imperativos da razão calculadora característica da técnica,
89 cujo fim (lógico, operacional e futuro) é determinado em si mesmo.

90 O problema essencial aqui apresenta-se no fato de que o conjunto das novas técnicas -que são de distintas
91 ordens, mas orientadas pela razão calculadora -possa produzir uma situação em que as sociedades se tornem
92 presas de seus próprios avanços tecnológicos. Quanto a isso, Heidegger propôs sua visão do cenário, que aparece
93 desta maneira em um texto tardio na sua obra *Serenidade* [1959]:

94 O poder oculto da técnica moderna determina a relação do homem com o que é. Este poder domina a Terra
95 inteira. (...) Nada pode prever as radicais transformações que se aproximam. Mas o desenvolvimento da técnica
96 se efetuará cada vez mais com maior velocidade e não poderá ser detido em parte alguma. Em todas as regiões
97 da existência o homem estará cada vez mais estreitamente cercado pelas forças dos aparatos técnicos e dos
98 autômatos. (...) aqui se está preparando, com os meios da técnica, uma agressão contra a vida e a essência
99 do ser humano, uma agressão comparada com a qual bem pouco significa a explosão da bomba de hidrogênio.
100 Porque precisamente quando as bombas de hidrogênio não explodem e a vida humana sobre a Terra está salva-
101 guardada será quando, junto com a era atômica, se suscitará uma inquietante transformação do mundo (tradução
102 dos autores). 5 Essa espécie de revolução permanente desencadeada pela mobilização total da técnica produziu
103 a energia nuclear como marca de uma época atormentada pelas guerras mundiais e pelo apocalipse atômico.
104 Agora, na aurora do novo milênio, com os novos avanços das ciências informacionais e biológicas, os emblemas

105 epocais fatalmente se modificam e estão mais próximos da bomba informática, segundo pensa Paul Virilio, 6 e do
106 apocalipse biológico, de que nos fala Sloterdijk. 7 Em particular, para o que é tratado aqui, a problemática torna-
107 se crítica quando as práticas e os procedimentos tecnocientíficos propõem-se a manipular os códigos genéticos
108 dos seres vivos, e mais ainda, quando se colocam o objetivo de intervir sobre a herança genética da humanidade.

109 Assim, então, vê-se brevemente esboçada a passagem da produção de técnicas do grande, tendo a bomba
110 atômica como realidade exemplar, para uma produção microfísica de tecnologias que objetivam adentrar as
111 subjetividades e até as moléculas vitais, a fim de transfigurá-las. Virilio diagnostica o caso: Efetivamente, hoje o
112 lugar das técnicas de ponta não é mais tanto o ilimitado do infinitamente grande de um ambiente planetário ou
113 espacial, mas o do infinitamente pequeno de nossas vísceras, das células que compõem a matéria viva de nossos
114 órgãos. (...) [o da] intrusão intraorgânica da técnica e de suas micromáquinas no seio do que vive. 8 Sloterdijk, à
115 sua maneira, vislumbra a situação atual da onto-antropologia (tratada mais adiante) da seguinte maneira: "uma
116 fração euro-americana tem proporcionado com sua entrada na era altamente tecnológica um procedimento sobre
117 ela mesma e contra ela mesma, onde o que está em jogo é uma nova definição do ser humano" (destaque dos
118 autores). 9

119 4 III. Humanismo, Diferença Ontológica E Antropotécnica

120 Entretanto, neste momento histórico em que os corpos e as subjetividades humanas se prestam a vários tipos de
121 modulações tecnológicas, sob que condições se pode definir o ser do homem, se é que se pode defini-lo? Ou melhor,
122 como caracterizar a singularidade do homem nas circunstâncias em que a ciência e a técnica contemporâneas
123 se apoderam de uma maneira surpreendente tanto do habitat terrestre quanto dos seres humanos, por dentro
124 e por fora? Em Carta sobre o humanismo [1947], Heidegger apresenta de forma condensada algumas de suas
125 principais teses sobre o pensamento essencial que ajudam a pensar essas perguntas. Na sua epístola endereçada
126 a um jovem poeta, uma crítica aos humanismos subjaz à concepção segundo a qual o homem não se confunde
127 jamais com o animal, como o faz parecer toda a metafísica ocidental, desde ao menos Aristóteles. 10 8 Paul
128 Virilio, "Do super-homem ao homem super-excitado", in A arte do motor. São Paulo: Estação Liberdade, 1996,
129 p. 91-92. 9 "(...) sous la direction de la fraction euro-américaine, a intenté avec son entrée dans l'ère hautement
130 technologique une procédure sur elle-même et contre elle-même, dont l'enjeu est une nouvelle définition de l'être
131 humain". Peter Sloterdijk. La domestication de l'être, p. 32. 12 Mostrar que a meditação heideggeriana sobre
132 o êxtase existencial tem também uma significação para a compreensão da crise atual na definição biológica do
133 homem por si mesma -nessa crise que afeta os modos de intervenção do homem sobre o homem, por aquilo que
134 [Sloterdijk] introduzi em meu discurso (...) Regras para o parque humano, com a expressão 'antropotécnica'.
135 Contudo, Sloterdijk pretende pensar algo que, se bem passa pelo pensamento essencial de Heidegger, nem por
136 isso se restringe a ele. Sloterdijk recoloca toda a questão do ser heideggeriana em outras bases, a fim de pensar as
137 condições de possibilidade da clareira do ser advir no reino da natureza, no seio da materialidade, à luz, portanto,
138 de um pensamento que se nutre tanto da filosofia quanto das ciências pertinentes à investigação.

139 No seu livro La Domestication de l'Être [2000], Sloterdijk pretende 13 Segundo subjaz a noção de
140 antropotécnica 14 e aqui é um ponto fundamental na passagem da abordagem de Heidegger para o pensamento
141 de Sloterdijk -a clareira do ser depende de condições produzidas pela técnica. Na verdade, diz Sloterdijk, "a
142 expressão 'antropotécnica' designa um teorema filosófico e antropológico de base segundo o qual o homem ele
143 mesmo é fundamentalmente um produto e não pode ser compreendido a não ser que se volte o espírito analítico
144 sobre seu modo de produção". 15 Segundo essa concepção de antropotécnica, nos diz o estudioso Zeljko Loparic:
145 "É num produto seu -o ser humano -que a natureza toma consciência da sua tecnologia, inclusive da que foi usada
146 na antropogênese". 16 Essa intuição de que o homem é um produto sempre por se fazer sobre bases variáveis mas
147 eminentemente técnicas, muito provavelmente inspirase no pensamento de Friedrich Nietzsche, que desde muito
148 cedo propôs pensar as condições de produção das culturas e dos povos sob a noção de "moralidade do costume",
149 cunhada e trabalhada com profundidade nos livros Aurora, Gaia Ciência, Além de Bem e Mal e, principalmente,
150 na sua Genealogia da Moral. 17 Nas dissertações sobre a história da moral, Nietzsche menciona um dos meios
151 técnicos mais importantes com o qual a moralidade produzira os homens e suas culturas desde a pré-história da
152 humanidade, utilizando-se da expressão "mnemotécnica". 18 14 Para maiores esclarecimentos sobre a ideia e a
153 origem do termo antropotécnica em Sloterdijk, remetemos para a leitura de uma outra obra seminal, Tens de
154 mudar de vida. Portugal: Relógio d'Água, 2018, p. 488-9: "Entre os autores da revolução metafísica dos anos
155 1920, Valerian Muraiev foi quem explorou da maneira mais abrangente a questão da produção do Homem Novo
156 ao conceber os seus aspectos tecnológicos sob as mais vastas perspectivas. (...) O jogo de linguagem da produção
157 humana estava também firmemente ancorado na pedagogia soviética. Pelo que se sabe, é todavia nos textos de
158 Muraiev que aparece pela primeira vez, nos seus escritos dos anos 1920, o termo 'antropotécnica', em grande
159 parte sinônimo da expressão, forjada ao mesmo tempo, de 'antropurgia', que tinha principalmente em vista
160 produzir um tipo superior de ser humano". 15 "En vérité, l'expression 'anthropotechnique' désigne un théorème
161 philosophique et anthropologique de base selon lequel l'homme lui-même est fondamentalement un produit et
162 ne peut donc être compris que si l'on se perche, dans un esprit analytique, sur son mode de production". Peter
163 Sloterdijk, La domestication de l'être, p. 18. 16 ZeljkoLoparic. Resenha da obra de Peter Sloterdijk Nichtgerettet.
164 Versuchenach Heidegger, in Natureza humana, jun. 2002, vol.4, Nº 1, p. 189-216. 17 Sobre a "proveniência da
165 moral" e a "moralidade do costume", ver Friedrich Nietzsche. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo:
166 Companhia das Letras, 2004, § 4 do Prólogo, p. 10ss. 18 Cf. Friedrich Nietzsche, Genealogia da moral, II, § 3.

167 Por mnemotécnica deve-se entender todo e qualquer meio empregado pela sociedade para produzir uma
 168 memória, que não é somente cognitiva, mas também fisiológica, comportamental e portanto cultural. Nietzsche,
 169 inclusive, concebera a humanidade como maquinaria em alguns fragmentos de 1887; maquinaria, antes de tudo
 170 e fundamentalmente, de produção de seres humanos. ??9 Desenvolvendo essas intuições com originalidade,
 171 Sloterdijk desloca o pensamento sobre o ser, como se encontra em Heidegger, e se põe a contar a história do
 172 devir-homem sob o modo ontológico, aproximando o pensamento do ser a problemáticas antropológicas. ??0 De
 173 muitas formas, Heidegger insistiu na diferença ontológica do Dasein no que se refere à sua abertura ao mundo com
 174 a noção de clareira do ser, entendida como dimensão extática e transcendental que se faz perceber na linguagem,
 175 e meio no qual o ser potencialmente adquire sentido no pensamento. No entanto, para Sloterdijk a linguagem e a
 176 clareira possuem uma história (no interior da natureza) resolutamente ignorada por Heidegger, uma história na
 177 qual o "primata" tornou-se gradativamente, no decorrer de processos milenares, o ser-aí aberto ao mundo.

178 Segundo essa via do pensamento proposta por Sloterdijk, torna-se necessária uma aliança com Heidegger, mas
 179 de tal modo que, paralelamente, não o impeça de colocar entre parêntesis a recusa heideggeriana em dialogar
 180 com todas as formas de antropologia, sejam elas empíricas ou filosóficas. Com isso, abre-se toda uma constelação
 181 de novas problemáticas que se formulam na interseção da ontologia com a antropologia.

182 Isso pode soar estranho aos que conhecem a determinação de Heidegger em sobrepujar a metafísica, que
 183 durante mais de dois milênios confundiu o ser com o ente. E ainda hoje, mesmo a ciência, que na perspectiva
 184 heideggeriana é uma espécie de metafísica aplicada, não sai do círculo que define o homem como um animal
 185 racional. Precisamente contra isso Heidegger levanta a questão da humanidade do homem, que não é senão,
 186 como já mencionado, o ser como a dimensão extática da existência, e segundo a qual o ser transcende a si mesmo
 187 no homem, e o homem transcende a si mesmo na sua relação essencial com o ser e o mundo por meio da linguagem e
 188 do pensamento. O homem não surge como homem, o pré-homem se torna homem, tanto nos processos milenários
 189 da evolução natural, que dotaram o aparato fisiológico de condições para a existência, quanto nos processos
 190 culturais de hominização, necessários a cada novo ser que nasce. E se, como afirma Heidegger, o homem é
 191 linguagem, o é antes ou ao mesmo tempo, técnica.

192 Disso Sloterdijk conclui que a clareira não é só o lugar essencial onde o homem habita na linguagem; para
 193 ele, se há linguagem é porque antes a matéria viva e o corpo foram organizados por diversos processos biológicos
 194 e antropotécnicos conjugados, o que, ademais, promoveu o surgimento da cultura em seu sentido subjetivo e
 195 objetivo, material e imaterial.

196 Contudo, Sloterdijk evita a todo custo cair mais uma vez no equívoco metafísico dos humanismos que definem
 197 o homem unicamente em bases ônticas. Ao propor o teorema filosófico da antropotécnica, o filósofo pergunta: -se
 198 for o caso de a filosofia contemplativa enfim encontrar o seu lugar nas pesquisas empreendidas pelas ciências
 199 humanas? O que poderá acontecer? ??4 Com essa concepção filosófica Sloterdijk esboça a interpretação
 200 ontológica heideggeriana da existência em um pensamento onto-antropológico. Assim, propõe experimentar novas
 201 constelações entre a ontologia e a antropologia cunhando o termo onto-antropologia.

202 dando-se por princípio de entrada o círculo que não é hermenêutico mas antropotécnico. ??5 Um
 203 empreendimento original como este reflete uma soma de condições acumuladas depois da ruptura revolucionária
 204 no pensamento do século XIX e que entra na situação denominada por Sloterdijk de pós-metafísica, caracterizada
 205 pelas viragens das práticas humanas, mas também pela teoria da evolução, o pensamento de Nietzsche, a
 206 psicanálise, a fenomenologia, o desenvolvimento das antropologias empíricas e filosóficas, a paleontologia, a
 207 linguística e a antropologia estrutural ao longo do século XX, incluindo, é claro, a analítica existencial e a
 208 concepção da diferença ontológica do próprio Heidegger, que alçou o pensamento à sua condição pós-humanista.
 209 ??6 Com uma nova perspectiva, a ontoantropologia se interroga sobre dois polos a um só tempo: por um lado,
 210 interroga-se sobre o êxtase humano, que porta o nome de ser-no-mundo, e por outro, sobre o animal ancestral
 211 que tem conhecimento de seu devir-extático -poderá ser dito também: que é dotado deste êxtase.

212 Mas se por um lado Sloterdijk não quer retomar unicamente a bases ônticas, para pensar as problemáticas
 213 que se propõe sob as noções de antropotécnica e onto-antropologia, ele também reconhece os limites das ciências
 214 antropológicas, quase por completo perpassadas pela definição humanista do homem como um animal racional,
 215 motivo pelo qual a antropologia histórica e empírica esquece de pensar o ser humano, ele mesmo, em sua essência.
 216 27 Isso se torna claro quando, na obra Regras para o parque humano, seu autor empreende a "tentativa de
 217 caracterizar mais exatamente em termos históricos a clareira extática na qual o homem dá ouvidos às palavras do
 218 ser", ao defender justamente que "existe uma história -resolutamente ignorada por Heidegger -da saída dos seres
 219 humanos para a clareira". E assim Sloterdijk o faz com o intuito de pensar o que para Heidegger não compete
 220 ao pensamento essencial, a saber: a história real da clareira.

5 28

222 Os detalhes apresentados por Sloterdijk de seu pensamento sobre o que se poderá denominar uma história
 223 maquínica do ser, abordam tanto o que ele denomina uma "história natural da serenidade" quanto uma "história
 224 social das domesticações". Com tal perspectiva, esse pensamento vai tão longe no passado, que se propõe a
 225 explicar como o animal sapiens se tornou o homem sapiens -algo que ??5 Cf. Sloterdijk, La domestication de
 226 l'être, p. 22. ??6 Cf. Sloterdijk, La domestication de l'être, p. 23.

227 Sloterdijk faz uma sucinta apresentação filosófica dessa passagem histórica responsável pela abertura da clareira
 228 do ser no devir do proto-sapiens e conclui afirmando que o homem não é produto nem do signo nem do símio, mas

229 da pedra. ??2 Com esta fórmula sintética e aparentemente enigmática, o filósofo defende a tese de que o Dasein
230 aberto ao mundo e dotado de linguagem é, do ponto de vista da história natural, um produto da técnica. Disso
231 resulta que o homem não é um ser natural, mas um artifício (homo technologicus), desde o início da aventura
232 humana na história e não somente agora que a humanidade encontra-se imersa nos circuitos de uma ecologia
233 artificial.

234 Sloterdijk repensa assim toda a trajetória da hominização, enquanto tecnogênese, com base nas descobertas
235 da ciência moderna, com a intenção de tentar entender como o Dasein heideggeriano veio a ser o que é.
236 Para compreender tal acontecimento, elabora uma perspectiva que leva em consideração as várias dimensões
237 pertinentes, a natural, a antropológica, a política, a psicológica e a social. ??3 Volume XX Issue IX Version
238 I Heidegger nem de longe pensou, devido a tantas reservas com relação a qualquer filosofia vitalista ou
239 antropológica. Precisamente o que pressupõe a seguinte assertiva: "o fato de que o homem pôde tornar-se o
240 ser que está no mundo tem raízes na história da espécie", enquanto que "a clareira é um acontecimento nas
241 fronteiras entre as histórias da natureza e da cultura, e o chegar-ao-mundo humano assume desde cedo os traços
242 de um chegar-à-linguagem". ??9 Com tudo o que esse pensamento evoca, a força de invenção de Sloterdijk não
243 se detém na questão da linguagem. Ele vai ainda mais fundo na sua onto-antropologia. Concebe com esse
244 pensamento toda uma política que subjaz à clareira do ser. Segundo sua argumentação, a chegada dos seres
245 humanos às casas da linguagem não explica toda a história da clareira, pois assim que os humanos falantes
246 começam a cultivar suas vidas em conjunto, erguem-se na clareira as casas dos homens, e com elas, um complexo
247 biopolítico de homens e animais na forma de parque humano. Quando isso ocorre, então a clareira passa a ser
248 ao mesmo tempo "um campo de batalha e um lugar de decisão e seleção". ??0 IV.

249 6 Antropotécnica, Moral E Biotecnologia

250 Com essa abordagem que vincula a ontologia heideggeriana a uma perspectiva antropológica, Sloterdijk
251 reposiciona a problemática da autoprodução do homem por si mesmo na história do ser, e em vez de privilegiar
252 a linguagem e o pensamento, as antropotécnicas são colocadas em primeiro plano. O motivo é que a abertura
253 do Dasein ao mundo não pode ser pensada sem os meios empregados pelo homem para sua autoprodução em
254 um sentido muito concreto. Sloterdijk insere assim a analítica ontológica nas pesquisas arqueológicas acerca
255 da constituição do homem como ser extático dotado de linguagem e pensamento. Fazendo isso, desenha-se o
256 que o filósofo denomina uma onto-antropologia, que necessariamente delineará algumas linhagens de pensamento
257 pós-humanistas.

258 No interior da história maquínica do ser, a história das antropotécnicas registra a transformação progressiva
259 do Dasein que, no apogeu da modernidade, desenvolveu ao máximo sua produtividade. Do ponto de vista do
260 desenvolvimento da técnica, foi no momento histórico recente que mudanças radicais se impuseram à totalidade
261 do ser. Os efeitos ecológicos, para mencionar um dos problemas que perpassam dimensões planetárias, começam
262 a demonstrar a amplitude da esfera de ação ??9 Sloterdijk, Regras para o parque humano, p. 34-35. ??0 No
263 decorrer de processos milenares, o homem se configurou no seio da natureza de modo a se desvencilhar das
264 biotécnicas deterministas ou dos determinismos biotécnicos a que estava subordinado e passasse assim a produzir
265 novas técnicas por si mesmo, alcançando-se a novos patamares de complexidade e poder evolutivo do ponto de vista
266 biocultural. ??1 É o que se depreende de várias afirmações de Heidegger. Para mencionar duas passagens, ver
267 Serenidade, p. 25. Na conferência "A questão da técnica", Heidegger trata da essência da técnica e do perigo
268 constitutivo que a técnica moderna carrega em si, ameaçando a liberdade e a essência do homem.

269 Em Sloterdijk, a questão da técnica não se refere somente ao homem. A natureza, considerada em todas as suas
270 manifestações de vida, nada mais é que uma multiplicidade de arranjos biotécnicos. No que se refere ao homem, a
271 técnica é considerada a sua forma específica de intervir no mundo. O homem atua na realidade por intermédio do
272 que ele mesmo produz na sua relação com a natureza, ou seja, com base em certo grau de conhecimento. O produto
273 dessa relação, isto é, determinado saber materializado na cultura, agrega formas cujas forças ampliam o poder
274 de ação do homem sobre o mundo, e é nesse processo que frequentemente ocorre a produção de instrumentos,
275 tratados por Sloterdijk como extensões do corpo humano. Na realidade, embora o homo sapiens seja impensável
276 sem as suas extensões técnicas, os aparatos são produtos derivados de uma tecnologia humana mais fundamental
277 que Sloterdijk denomina antropotécnica. Na história social e antropológica, o homo sapiens se constituiu enquanto
278 tal quando um gênero de seres nascidos prematuramente colocou em prática um processo complementar ao da
279 natureza biológica voltado à sua formação, desde o momento em que passou a complementar o processo natural
280 de sua gestação com meios técnicos desenvolvidos por si mesmos, ou seja, recorrendo a meios artificiais. O
281 profundo significado do termo antropotécnica pode ser deduzido fielmente deste raciocínio. ??2 No mais das
282 vezes, o emprego da techné toma como orientação os objetivos referendados pelos valores morais da sociedade ou
283 do grupo considerado. Se empregarmos o conceito de antropotécnica para pensar como o homem se autoproduz
284 no decurso da história e o articularmos com o pensamento de Nietzsche, tornar-se-á possível tratar a moral como
285 código-fonte matriz que define o modelo ou tipo de homem a ser produzido pelas antropotécnicas A hominização
286 no seio da história natural pressupõe meios não-naturais, antropotécnicos ou artificiais, para completar o processo
287 de reprodução biológica com um procedimento que visa à formação e domesticação do homem por seus pares.
288 Somente desta forma o homem chega à linguagem, produz cultura, torna-se sedentário, constrói seu parque, sua
289 habitação e se domestica no exercício de todos esses processos. Eis em poucas linhas como Sloterdijk compreende

o processo de domesticação que o homem empreende sobre si mesmo e seus pares ao lidar com sua incompletude biológica e natural: recorrendo sempre e a cada vez a antropotécnicas de vários tipos.

Desde os primórdios, portanto, o homem, enquanto Dasein dotado de linguagem e aberto ao mundo, é produzido por arranjos cujas estruturas nada mais são do que antropotécnicas, e por isso, pode ser considerado um ser eminentemente técnico ou artificial. Por meio das antropotécnicas, o homem engendra-se como produto de suas ações sobre si mesmo e sobre o mundo, e desta forma, é o resultado de todas as reificações antropotecnológicas de base cujo impulso fundamental foi dado pelo que os gregos denominaram *techné*.

32 Na perspectiva de Sloterdijk, a hominização pressupôs uma série de mecanismos: "L'entrée dans la situation constitutive de l'être humain requiert l'interaction de quatre mécanismes dont l'engrènement mène précocement à des causalités circulaires bizarres. Nous désignons celles ci selon les modèles de la recherche paléontologique: 1. le mécanismes de l'insulation (...), 2. le mécanisme de la suppression des corps, 3. le mécanisme de la pédomorphose ou de la néoténie, c'est-à-dire de l'infantilisation du retardement progressif des formes corporelles, et 4. le mécanisme de la transposition". Cf. *La domestication de l'être*, p. 45. necessariamente aplicadas almejando determinados fins. Do que se conclui que, de acordo com o código moral considerado, tem-se um conjunto de antropotécnicas correspondentes e maneiras distintas de se produzir, moldar, treinar o tipo homem.

Em diálogo com Nietzsche pode-se pensar dois tipos específicos de efeitos produzidos pelas antropotécnicas orientadas pela moral. Na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, ao colocar o problema da moral, a questão é deslocada a fim de privilegiar termos como adestramento (*Züchtung*) e domesticação (*Zähmung*), usados em geral para se referir ao tratamento que os homens dispensam aos animais quando querem utilizá-los de alguma forma. ??3 No pensamento nietzscheano, o caráter predominante na produção dos homens recai na moral, que pode ser de dois tipos: uma moral de escravos ou uma moral de senhores.

O aspecto inquietante deste raciocínio consiste em que Nietzsche incorpora essas expressões para se referir ao trabalho do homem sobre si quando pretende impingir-lhe um modo de viver específico. No primeiro caso, o adestramento tem o objetivo de moldar o homem para extrair da relação um tipo considerado valioso em termos morais, que podem ser de utilidade, de eficácia ou de virtude. No segundo caso, o tipo de tratamento praticado sobre o homem tem o propósito de reprimir e recalcar os instintos para torná-lo um ser domado, manso e domesticado no sentido moral que o filósofo emprega à expressão. ??4 Sloterdijk não incorpora na sua análise os critérios genealógicos nietzscheanos. Privilegia à seu modo a noção de antropotécnica com o fito de pensar o que ele denomina a domesticação do ser, expressão que compreende um significado mais amplo do que meramente moral pois se refere ao componente onto-antropológico do homem enquanto ser que necessita construir seu próprio lar para existir. Quando se trata de pensar com Nietzsche o processo de dar forma à matéria bruta homem, Sloterdijk traz à discussão uma passagem de Assim falou Zaratustra, sintetizada na constatação do Conflito fundamental que Nietzsche postula para todo futuro: a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que o criam para ser grandepoder-se-ia dizer entre os humanistas e os superhumanistas, amigos do homem e amigos do 'superhomem' [*Übermensch*]. ??5 Sloterdijk afirma que, ao tratar de *Übermensch*, Nietzsche refere-se a potencialidades humanas que podem ser alcançadas por meio de processos de "criação, domesticação e educação". ??6 A domesticação do ser humano, no entanto, tem sido objeto de reflexão filosófica há muito mais tempo. Em Platão era uma questão entre pastores e rebanhos, criadores e criaturas, ou seja, uma questão política e antropológica que Sloterdijk denomina de zoopolítica. ??7 Sendo assim, o que dizer agora, na época em que a linguagem busca acessar não mais a essência do homem; no momento em que a ciência constrói as condições técnicas para ter acesso ao que pode decodificar inclusive a natureza em suas dimensões infinitamente micrológicas e em suas profundidades insondáveis: a informação que está no núcleo mesmo da vida e seus processos (como no caso dos códigos genéticos) ? A questão é deveras complexa, pois se, como afirma Heidegger, o homem é singular por possuir e produzir linguagem, o nível de desenvolvimento dos conhecimentos e técnicas atingiu tal grau de complexidade e eficácia no desvelamento empreendido por ela, que a virada no campo da engenharia genética tornou possível ao homem Durante o Renascimento, o patrono da antropotécnica moderna, Comenius, inspirou-se na imprensa de Gutenberg, ao propor uma máquina de cunhar seres humanos como caracteres de uma imensa tipográfica.

Na atualidade, porém, com a crise do humanismo e suas mídias escritas, os sábios saem de cena e a necessidade de domesticação do ser humano impõe o emprego de outras antropotécnicas. Ao invés de uma questão de ordem moral, agora a criação ou produção dos homens adquire uma nova face em função das ciências e das biotecnologias. O sujeito que se produz assim é outro, muito diferente do que se conheceu até então. Na década de 1990 os peritos da tecnociência pareciam assumir o controle sobre a produção antropotecnológica do homem. Mas o tempo demonstrou que as biotecnologias, se possuem importância histórica incontestável, não podem ser pensadas a não ser como um tipo específico entre outras antropotécnicas quiçá mais importantes. ??8 A decifração dos códigos genéticos, as nanotecnologias no campo das biociências e da engenharia genética, tudo isso permitirá, mais cedo ou mais tarde, uma reformulação do próprio homem sobre bases tecnológicas ultrainvasivas, muito além da seleção indireta obtida por regras culturais ou de parentesco no decorrer da mais longa história humana. Essa possibilidade de intervenção no código genético coloca em questão a própria definição do que é ser homem, do que é ser humano. De uma determinada forma, com a linguagem tecnocientífica aplicada na reprodução e manipulação genéticas em laboratório desvela-se o caráter antropotécnico do homem, pois a produção do ser humano em biolabs na aurora do século XXI torna perceptível de forma patente o que já estava lá desde os primórdios: a fabricação do homem por seus próprios meios antropotécnicos.

353 Durante toda a longa história do homo sapiens os códigos culturais serviram de referenciais sobre as formas
354 seletivas de reprodução da vida humana. Com a decifração do código genético, a seletividade se abre em
355 novos patamares de complexidade e eficácia como nunca antes se pôde imaginar e é aqui que se descortinam
356 as problemáticas éticas e bioéticas. Somente agora se torna possível uma seleção ativa por parte dos homens
357 acerca das características genéticas de seus semelhantes, sem que se precise recorrer às regras parentais ou às leis
358 que orientavam de modo indireto o modo como as pessoas podiam se reproduzir em uma dada cultura. Agora, a
359 forma de selecionar os tipos de características biológicas de seres gerados em laboratório passa para o lado ativo
360 da decisão baseada no esclarecimento, que de maneira direta, literalmente cirúrgica, toma para si a decisão sobre o
361 que selecionar, realizando tecnologicamente o desejo de eugenia e purificação da raça sonhada pelos nazifascistas.

362 No tempo presente, é no uso tecnocientífico da linguagem que se torna possível decifrar o enigmático código
363 até então secreto da autopoiesis da natureza, o que por outro lado permite um novo poder de intervenção sobre
364 o que é o homem e a vida com o emprego das novas antropotecnologias. O uso poético da linguagem se perde
365 para o uso técnico e calculador das palavras e dos signos como meras informações descodificadas, e tudo isso,
366 sem que se saiba ao certo o que virá depois de tamanha profanação antropocêntrica do núcleo da vida e da
367 natureza. Assim, por essas vias, a humanidade é lançada mais uma vez às eternas questões sobre as primeiras
368 e últimas coisas dos campos teológico e metafísico From Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and
369 Domestication of Being tradicionais, a começar, porém, sobre bases morais, niilistas e desencantadas.

370 7 V. As Mídias E A Domesticação Do Ser

371 Um outro problema colocado por Sloterdijk sobre a domesticação do ser na época atual pode ser relacionado
372 à constatação de que a cultura tem enfrentado profundas dificuldades na sua tarefa domesticadora, e falha
373 em muitos aspectos na conformação dos sujeitos aos imperativos da civilização. Em termos psicanalíticos, isso
374 resulta na liberação dos impulsos e no retorno do recalcado sem entraves ou sequer meios capazes de sublimar
375 o imenso potencial inconsciente de descarga daí advindo. A fim de pensar esse problema já clássico, é possível
376 fazer uma aproximação da perspectiva de Sloterdijk com a abordagem de Sigmund Freud em seu estudo sobre o
377 Mal-estar na civilização, quando afirma que há dois grandes instintos que estruturam a psique: o instinto sexual
378 e o instinto de morte, ou instinto de vida e instinto de destruição. ??9 Até os tempos anteriores à modernidade,
379 a regulação dos instintos com relação à sociedade era fundada na moral e em noções como sentimento de culpa,
380 vergonha, respeito às autoridades constituídas, etc. Porém, com a queda dos valores considerados absolutos,
381 destronados pelo niilismo moderno ao menos desde o século XIX na Europa, o poder da moral tradicional foi
382 pouco a pouco minado, assim como a noção cristã de culpa e o superego condicionado socialmente. No curso do
383 século XX, sobretudo após a Segunda Guerra mundial, esse processo se intensificou com a chamada revolução dos
384 costumes e a liberação do desejo, o que colocou em xeque diversos tabus culturais. O individualismo hedonista,
385 o laicismo, o liberalismo e a diversificação cultural conjugados resultaram em uma quase completa desarticulação
386 das estruturas antropotécnicas tradicionais. Desde então, o processo de domesticação enfrenta uma crise de novas
387 proporções que coincide, no século XX, com a crise mais geral dos valores humanistas, das instituições modernas
388 e até mesmo das mídias domesticadoras em Para que a vida social possa perdurar é fundamental que a sociedade
389 se aproprie desses instintos a fim de regulá-los. Sem esse procedimento, o processo denominado por Sloterdijk de
390 domesticação fica prejudicado ou talvez se torne impossível de se realizar.

391 vigor, tese esta defendida por Sloterdijk em Regras para o parque humano. ??0 As formas de se explicar
392 esse fenômeno são variadas. O certo é que, na ausência de uma moral coletiva e seus respectivos mecanismos
393 psíquicos, cresce a busca desenfreada por prazer, sem pudores ou limites, e de forma análoga também se intensifica
394 a descarga de agressão e violência impulsionada pelo instinto de morte, destruição e crueldade não regulado. Como
395 consequência, a sociedade passa a exigir maior rigor no controle e na punição de quem não se autorregula, fazendo
396 com que o ciclo da repressão e da violência se retroalimente indefinidamente.

397 No entanto, em sociedades tão complexas quanto as atuais, não há como aceitar simplesmente a absoluta
398 expressão dos impulsos individuais a despeito de regras e ordens sociais. Em termos antropológicos, sequer se
399 pode imaginar uma sociedade assim. É indispensável encontrar um equilíbrio entre os anseios individuais e os
400 imperativos sociais. Por isso, na ausência de uma domesticação eficaz no campo da psicologia social, aumentam
401 as regulações externas asseguradas por códigos jurídicos e tecnológicos organizados para recalcar socialmente,
402 desde o exterior, os corpos e as mentes que não se enquadram no que o sistema social exige. 41 Entretanto, fica
403 a questão de saber como promover uma regulação em um ambiente social e cultural conturbado e saturado de
404 mídias, como é o caso do tempo presente.

405 A dificuldade maior é que não bastam leis que estipulem os limites; nem mesmo a consciência ética é suficiente,
406 pois o discurso e a razão tocam apenas o superficial, quando o que precisa ser investido é a dimensão mais
407 profunda das pulsões. O comportamento ético ou socialmente aceito requer, mais do que isso, uma reorganização
408 equilibrada da psique e das pulsões individuais e coletivas. 42 40 "A era do humanismo moderno como modelo
409 de escola e de formação terminou porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e
410 econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo da sociedade literária". Sloterdijk, As regras para
411 o parque humano, p. 14-15. 41 Em última instância, o círculo vicioso do instinto representa o apocalipse social
412 e o que os jusnaturalistas denominavam de "guerra de todos contra todos", o negativo da sociedade civil. ??2
413 O texto de Alex Galeno intitulado "Mídias corroídas e subjetividades amputadas" pode ampliar essa discussão.

414 Ver Alex Galeno; Gustavo de Castro; Josimey Costa da Silva (org.). Complexidade à flor da pele: ensaios sobre
415 ciência, cultura e comunicação. São Paulo: Cortez: 2003.

416 Por isso, a problemática domesticação contemporânea exige uma abordagem diferente. Não se trata de um
417 caso específico de psicologia social. O impasse que a civilização enfrenta na atualidade, diz Sloterdijk, é agravado
418 com a entrada de outro elemento que concerne à domesticação do ser:

419 Se o homem é um ser poético, com a imagem de um engenheiro geneticista no seu laboratório abre-se uma
420 nova poética de intervir no destino? Ou tão só uma nova forma de intervenção técnica sobre a reprodução do
421 ser do homem na sua natufactualidade a partir de outra artefactualidade? From Ontology to Anthropotechnics:
422 Humanism, Media and Domestication of Being Acima de tudo, porém, a questão de como o ser humano poderia
423 se tornar um ser humano verdadeiro ou real está aqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão
424 de mídia, se entendermos por mídias os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a
425 si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar. ??3 Assim como a teoria psicanalítica de Freud reconhece
426 que, para existir civilização, é necessário que haja um certo grau de renúncia da satisfação das pulsões em
427 prol do convívio na ordem social, No mundo contemporâneo, ocorre uma disputa ou um conflito entre os
428 impulsos domesticadores e bestializadores do ser humano e seus respectivos meios de produção tecnológicos.
429 Sloterdijk denomina esses meios de mídias inibidoras e desinibidoras. Quando se considera a história das últimas
430 décadas, percebe-se claramente que, no campo da cultura, ocorre um embate entre mídias domesticadoras e mídias
431 bestializadoras. É nesse contexto que o modelo humanista de domesticação entra em colapso. ??4 o postulado
432 midiológico suposto na discussão da domesticação do ser proposta por Sloterdijk é o de que, para o humanismo,
433 "a humanidade consiste em escolher, para o desenvolvimento da própria natureza, as mídias domesticadoras, e
434 renunciar às desinibidoras". ??5 O humanismo moderno, herdeiro do Renascimento e do Iluminismo ocidentais,
435 desenvolveu-se e se espalhou pelas nações e continentes afora sempre amparado pelos textos escritos, encarados
436 como autênticas cartas-patentes que outorgavam autoridade e legitimidade aos que se pretendiam pastores do
437 rebanho humano, políticos, professores, clérigos, estadistas, pedagogos e cientistas. Com o incentivo do Estado
438 Moderno, os estabelecimentos de ensino, os centros de pesquisa e os meios de comunicação de massa, todos
439 eles complexos O humanismo moderno, enquanto movimento voltado ao autoesclarecimento do ser no mundo,
440 caracteriza-se por projetar o homem na história com a crença no poder domesticador da razão. Por meio do cultivo
441 do pensamento racional o ser humano tornar-seia capaz de prover a humanidade com as condições de conjurar
442 a barbárie que sempre lhe espreita. Sloterdijk propõe pensar uma interpretação do humanismo da perspectiva
443 antropotécnica, e mais especificamente, midiológica, e assim fazendo, contribuir para analisar os efeitos sociais,
444 culturais e civilizacionais do conflito entre as mídias deflagrado nos últimos decênios. ??3 Sloterdijk, Regras
445 para o parque humano, p. 19-20. ??4 Diz Freud: "(...) isto parece ser o mais importante, é impossível não ver
446 em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não
447 satisfação (supressão, repressão, ou quê mais) de instintos poderosos". Cf. "O mal-estar na civilização", in Obras
448 completas volume 18, p. 60. ??5 Sloterdijk, Regras para o parque humano, p. 19. midiáticos, desempenharam
449 suas funções antropotécnicas na formação dos povos e das nações inclusive, para as guerras, na perspectiva de
450 Heidegger retomada por ??loterdijk. 46 Na realidade, quanto mais se recua no tempo histórico, mais se percebe
451 como a tendência de valorizar a mídia escrita como fonte de conhecimento, educação e domesticação marcou a
452 civilização ocidental, sobretudo nas elites culturais e políticas.

453 Uma vez montada a megaestrutura antropotécnica em vigor desde o pós-guerra, o conflito entre mídias
454 inibidoras e desinibidoras lançou as sociedades em uma espiral de desregulação generalizada, a qual imprime
455 uma dinâmica semelhante a uma revolução permanente nas atuais sociedades ocidentais.

456 8 47

457 No decorrer da história do ocidente o conflito entre as mídias inibidoras e desinibidoras parece ser paradigmático.
458 Na Roma antiga, a aristocracia dominante se resguardava da bestialização em suas leituras e nos diálogos
459 filosóficos, enquanto os jogos da morte eram ovacionados pelas massas ávidas por violência, lutas sangrentas
460 e crueldade nas arenas e nos estádios, onde gladiadores e animais davam livre curso aos impulsos selvagens.
461 Junto à arte filosófica acessível a poucos, a arte dramática dos teatros servia como uma mídia intermediária para
462 alguma sorte de sublimação dos instintos inerentes à tragédia humana e cósmica. O Império Romano proveu
463 um código-fonte das antropotécnicas para suas elites letradas, enquanto deliberava para os militares e a casta
464 sacerdotal a função de lidar mais diretamente com a domesticação das massas. Tendo à frente as fileiras militares,
465 a Igreja Romana ganhou apoio e ampliou sua esfera de influência em quase todo o mundo conhecido, instalando
466 suas guarnições nos territórios anexados ao império pelo emprego das armas. Com os guerreiros no front de
467 batalha, entre gritos de estertor e golpes fatais, a famosa fórmula da cruz e da espada adquiriu todo o seu sentido
468 histórico ao abrir espaço para a instalação dos mosteiros e templos sagrados regidos por homens pacatos e
469 espiritualizados que prosseguiram a Desde a Antiguidade, e com maior influência na concepção da humanitas
470 durante o Império Romano, passando pela Idade Média com a valorização do texto sagrado, até chegar ao
471 Iluminismo nos séculos XVII e XVIII, a mídia textual, enquanto matriz antropotécnica do humanismo, imprimiu
472 seus valores no código-fonte da civilização ocidental. From Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and
473 Domestication of Being dominação com orações e autos de fé. Assim, a Igreja construiu mosteiros para formação
474 direta de seus quadros sacerdotais e, tão logo edificou seus templos como imensos meios de comunicação e culto,
475 pôs-se a influenciar a formação cultural de massas crescentes de adeptos e convertidos -a mesma instituição que,

476 paradoxalmente, no decorrer dos séculos, apoiou cruzadas, promoveu inquisições e outras ações direcionadas por
477 impulsos bestiais.

478 Na modernidade, a partir do marco do surgimento da grande imprensa, o humanismo moderno, renascentista
479 e depois iluminista, acreditou ser capaz de influenciar na domesticação do homem e do ser com o texto escrito
480 e com a contemplação das belas artes, tal como, durante a Idade Média, a Igreja fez com a bíblia e os afrescos
481 de suas catedrais. No interior de grupos seletos de homens e mulheres letrados, no mais das vezes compostos
482 por déspotas esclarecidos, membros da corte, nobres, aristocratas e burgueses, começaram a circular epístolas
483 filosóficas, discursos de método, descobertas científicas e romances literários que dividiam o encanto e a suspeita
484 dos leitores pelo conteúdo das obras publicadas regularmente. O ambiente propício ao renascimento cultural, para
485 além das fronteiras teológicas cristãs, contrarrestou gradativamente o acirramento dos ânimos entre dogmáticos
486 e pensadores laicos que precedeu a era das revoluções. Estava-se montando assim um novo teatro de operações
487 antropotécnicas sem que ninguém tivesse planejado de antemão.

488 Para que o projeto iluminista se consolidasse faltava no entanto mídias capazes de influenciar a formação das
489 massas incultas com os preceitos e valores ilustrados, se não com teor emancipatório para todos, ao menos como
490 forma de disciplinar os sujeitos em conformidade aos novos projetos de dominação gestados no mesmo período.
491 Depois das academias, dos mosteiros e das igrejas, típicas mídias humanistas nas suas vertentes filosóficas e
492 cristãs, que durante séculos contribuíram para estimular o processo de domesticação do homem e do ser, chegou
493 a vez da mídia impressa e da escolarização crescente das massas na idade da burguesia esclarecida. ??8 Ainda
494 muito cedo, sintomaticamente no final do Século das Luzes, a Revolução Francesa deu os primeiros sinais de
495 que as mídias humanizadoras da leitura e da escrita compunham, desta vez, a vanguarda de um processo de
496 armação das subjetividades que viria a desencadear, em uma frente, a pretensa dominação da natureza por
497 meio da ciência e, em outra, os conflitos políticos e sociais doravante recorrentes com as revoluções burguesas
498 e proletárias ??8 Sloterdijk desenvolve suas pesquisas sobre as antropotécnicas modernas influenciadas pelos
499 ideais iluministas, pelo Estado e a proliferação de escolas em Tens de mudar de vida, p. 430-444. em âmbito
500 nacional e internacional. ??9 Em vez da cruz e da espada, a imprensa, a baioneta e as escolas tornaram-se
501 símbolos dos arsenais antropotécnicos do humanismo laico, que deixou para trás os pudores religiosos junto
502 com as cabeças decapitadas de seus monarcas, destronados para sempre, aplainando assim o terreno para a
503 ascensão dos nacionalhumanismos livrescos. ??0 Nesses movimentos sociais, o que se percebe do ponto de vista
504 de uma análise midiática de fundo é que o humanismo veio se constituindo ao longo da história como o lugar da
505 produção de seitas de alfabetizados. Na perspectiva de Heidegger tomada por Sloterdijk, o objetivo do humanismo
506 seria proporcionar uma certa amizade à distância por meio A educação de parcelas consideráveis da população
507 europeia em instituições de ensino ganhou um novo impulso com a adesão incondicional da burguesia capitalista
508 às promessas do progresso industrial, que exigiu qualificação técnica da mão de obra na operacionalização dos
509 meios produtivos. No século XX, as mídias humanistas que pretendiam reproduzir uma postura domesticada
510 vinculada ao texto, ao mesmo tempo na imprensa e nas escolas, demonstraram definitivamente que mesmo
511 o progresso científico e tecnológico proporcionado pela razão cultivada não levaria à emancipação das massas
512 em um ambiente social pacificado. A formação do Estado moderno e a constituição de exércitos regulares a
513 seu dispor concorreram também para a conformação das massas aos imperativos domesticadores da civilização
514 ocidental por dentro e por fora dos sujeitos, recalçando, no mesmo processo, por meio da lei e das armas, a
515 revolta que se inflamava em seus interstícios. Em retrospectiva, era só uma questão de tempo para que, em um
516 ambiente conturbado por disputas políticas, culturais e econômicas, os impulsos assim reprimidos viessem à tona
517 em suas várias formas de expressão. Após revoluções, levantes populares e conflitos civis, as guerras mundiais e
518 os totalitarismos mancharam de vez a história do século XX. Em vez de comunicação em prol de uma civilização
519 humanizada, os impulsos embrutecedores escaparam dos contornos imaginados pelo iluminismo. E a despeito das
520 insistentes tentativas do cristianismo em impingir seus princípios morais no seio das sociedades modernas, nações
521 inteiras foram levadas às últimas consequências, valendo-se de armamentos pesados e tecnologias de ponta para
522 impor projetos de dominação aos adversários internos e externos. Assim, tornou-se incontestável a dura lição
523 de que o humanismo esclarecido falhara como projeto de civilização. da escrita, com o que, a filosofia recruta
524 seguidores que escrevem sobre o amor e a amizade uns aos outros, mesmo que anonimamente. Aqui, trata-se
525 de um ethos que supõe uma antropotécnica comunicativa com efeitos formativos e sociais. A reflexão, a leitura
526 e a escrita, práticas que domesticam o corpo e a mente, são constitutivas do humanismo enquanto fenômeno
527 midiológico e portanto comunicativo. Escreve-se com o intuito de se comunicar, do mesmo modo como refletir e
528 ler estimulam a instrução, o esclarecimento e, o que é mais importante, a domesticação.

529 Ocorre que o humanismo histórico, em vez de contribuir com o projeto civilizatório da domesticação, decaiu
530 como discurso beligerante e desencadeou revoluções e guerras em diversas ocasiões, efeitos evidentes de forma
531 cabal durante o século passado com as experiências das guerras mundiais e dos totalitarismos.

532 Na sequência do pós-guerra o mundo viu a proliferação de novas mídias e sua reprodução em larga escala. Se
533 não se pode pensar a tragédia da Segunda Guerra sem o agenciamento dos meios de comunicação de massa, depois
534 então, com a formação das sociedades espetaculares, as mídias passaram a desempenhar uma função crucial no
535 campo político e social em geral.

536 No século XX, a história das tecnologias mostrou ao mundo uma infindável sucessão e acúmulos de inovações
537 que resultaram em profundas mudanças na forma como o processo de domesticação viria a se atualizar. A crise
538 do humanismo burguês do homem ilustrado, leitor e sedentário, é reflexo da entrada em cena, na história da

539 hominização, de novas mídias trazidas pela imprensa e aprofundadas pelos meios de comunicação em massa.
540 O advento do rádio (1918), da televisão (1940) e da internet (2000) provocou uma desarticulação gradativa
541 das estruturas antropotécnicas clássicas, humanistas e modernas, lançando as sociedades em uma condição pós-
542 literária e, na perspectiva de Sloterdijk, pós-humanista. 51 51 Sloterdijk, Regras para o parque humano, p.
543 14.

544 No contexto contemporâneo, a tarefa da domesticação fica profundamente prejudicada, muito em parte devido
545 à quase completa desarticulação das antropotécnicas humanistas e, sobretudo, devido à falta de um projeto de
546 civilização que leve em consideração as mídias desenvolvidas nos últimos trinta anos, período em que as inovações
547 nos dispositivos midiáticos se multiplicaram vertiginosamente, de modo que, agora, a subjetividade se encontra
548 submergida em um parque humano saturado de mídias concorrendo para o processamento da psicologia e do
549 comportamento das massas. Os efeitos das mídias desinibidoras esbarram assim na necessidade de domesticação.

550 Na falta desse projeto, as mídias inibidoras e desinibidoras são definitivamente tomadas em processos
551 descodificados, sem qualquer articulação por parte dos Estados ou da sociedade civil organizada, e ficam à mercê
552 das grandes corporações econômicas no livre mercado, ao passo que são apropriadas de mil e uma maneiras sem
553 que haja nenhuma concatenação, nem jurídica, nem política ou muito menos ética. O que se vê é uma contradição
554 profunda e irresoluta entre as mídias domesticadoras e as mídias bestializadoras.

555 Tomada nos novos dispositivos midiáticos, a linguagem, velha morada do ser para Heidegger, transforma-
556 se radicalmente e perde sua aura. Desencarnada completamente, torna-se informação pura à disposição de
557 circulação comunicacional algorítmica. Ademais, a linguagem das imagens sobrepujou o efeito domesticador dos
558 textos escritos, das cartas e dos livros. As mídias imagéticas e as telas que lhes servem de suporte hoje estão em
559 quase todos os lugares e produzem um apelo muito mais direto e visceral nos sujeitos. A oralidade viva também
560 é inserida no atual contexto e tem que entrar, voluntariamente ou não, no jogo e na disputa com a sonoplastia
561 maquínica, que reduplica indefinidamente os sentidos e significados disponíveis nos sistemas comunicacionais e
562 informacionais. Esse parece ser o destino da oralidade e da palavra na era de sua reprodução técnica.

563 O destino pós-humanista já se evidencia e exige-nos respostas aos desafios que remetem a como domesticar o
564 homem e o ser em tempos nos quais reina uma desordem sistêmica e o caos dos signos. Ademais, fica ainda a
565 questão de saber como completar com êxito a domesticação e mais profundamente a formação do homo sapiens
566 para tornar a vida viável a longo prazo. Disso resulta a clara necessidade de se pensar na formulação de regras
567 capazes de orientar uma nova política de criação e reprodução do parque humano em dimensões locais e globais,
568 antropológicas e ecológicas.

569 9 VI.

570 10 Considerações Finais

571 A filosofia de Heidegger expressa uma certa passividade diante da ameaça que o poder da técnica moderna
572 produziu, ou seja, ante o abismo aberto no século XX pelas técnicas de destruição à mercê do homem. O que
573 chama atenção é que Heidegger não oferece reflexões que encaminhem o pensamento para o campo político,
574 social e histórico humano. Embora tenha aberto brechas para as trilhas do que depois se tornou o pensamento
575 ecológico, o filósofo demonstra mais esperança em um milagre advindo do próprio ser do que assume os riscos
576 de apontar para a necessidade de se pensar (para produzir) políticas de civilização relativas às técnicas. From
577 *Ontology to Anthropotechnics: Humanism, Media and Domestication of Being* Isso se explica em parte pelo fato
578 de que Heidegger não analisa a técnica moderna (que reze o mundo à sua maneira) como mero instrumental.
579 Do ponto de vista do ser, a técnica moderna já se consolidou de tal maneira, que não faz mais sentido lidar com
580 ela como instrumento à disposição do homem, mesmo porque, agora são os entes em sua totalidade, inclusive o
581 homem, que são tomados como algo à disposição da técnica moderna. A técnica estruturou-se como armação
582 que enquadra os entes, os seres e as coisas no seu interior como algo disponível ao modo de desencobrimento
583 calculador no sentido que os gregos atribuíam ao fenômeno da híbris (como desmesura) que é o próprio modo de
584 ser da técnica planetária. Toda a história considerada, essa nova máquina gera um outro ser. Nenhum regime
585 político-econômico foi capaz de se sobrepor a ela. Tanto o homem se transforma quanto as dimensões materiais
586 e físicas do seu ambiente.

587 Nos séculos recentes o mundo assistiu a uma proliferação de antropotecnologias que resultou em uma profusão
588 de homens e máquinas puras em um novo complexo antro-eco-técnico. Outrora, as técnicas pareciam servir
589 à vida. Agora, a vida é gerada no interior de agenciamentos que não fazem distinção entre natureza e artifício,
590 homem e máquina, concreto e abstrato. O ente em sua totalidade é agenciado para alimentar uma antropomáquina
591 cujas operações se concretizam por meio de sujeições sociais cada vez mais austeras. Assim, o parque humano
592 torna-se uma fábrica recombinante de homens e máquinas conjugados, ou seja, o conjunto de mídias e dispositivos
593 que conectam os corpos e os cérebros e compõem conjuntamente o que se poderia denominar corpo inorgânico
594 do ser, que no tempo presente não é senão o corpo artificial da cultura no seu estado maquínocêntrico.

595 Se, como afirma Sloterdijk, a cultura já surge como artifício antropotécnico, agora o corpo artificial da cultura
596 saltou de vez para fora dos corpos e das mentes humanas constituindo uma nova dimensão do ente considerado
597 em sua totalidade. Com efeitos extraordinários, essa nova dimensão do ser passa a operacionalizar e funcionar
598 quase inteiramente autônoma, bastando para isso, ao menos por ora, que os homens mantenham-se engatados
599 a ela. Marx havia chamado atenção para o fato de que o homem, ao processar a natureza com sua práxis,

600 necessariamente produz uma "segunda natureza". A diferença em relação a como Sloterdijk compreende o
601 fenômeno do metabolismo da sociedade com a natureza é que para ele o processo não se faz em termos puramente
602 naturais, pelo que, prefere enfatizar o aspecto artificial do mesmo processo, dado que na dimensão da natureza
603 reconhece a ação de biotécnicas. De uma forma ou de outra, trata-se, sem dúvida, de uma nova dimensão do ser
604 que conforma ecologias sintéticas ou artificiais.

605 No entanto, essa nova dimensão do ser configura-se como um parque artificial cuja arquitetura, tomada pelas
606 mais diversas tecnologias, age ativamente na formação ou deformação dos sujeitos que vivem nela. De fato, a
607 vida nas grandes cidades contemporâneas exige um ethos completamente diferente dado o caráter dinâmico e
608 tecnológico da urbe planetária. Tudo se passa como se o ser-aí estivesse inserido em uma espécie de acelerador de
609 partículas construído a céu aberto e que conta com suas peças os mais distintos elementos, humanos, semióticos,
610 materiais, artificiais, maquínicos, naturais, etc.

611 No limite atual, as técnicas nem seriam mais somente extensões dos órgãos humanos, usadas para satisfazer
612 carências ou impulsos supostamente inatos ao organismo biofisiológico. A um determinado grau de produção
613 antropotécnica, como na cibercultura, o que se vê é a produção de técnicas para satisfazer desejos e
614 necessidades reportados ao próprio conjunto da cultura, ou seja, para satisfazer os efeitos bioculturais da máquina
615 antropotécnica global.

616 Com toda a importância que a filosofia da técnica e da serenidade de Heidegger tem, não é recomendável
617 deter-se no seu pensamento se ocorre a vontade de envolver o pensamento na vida de nosso tempo, sob pena de
618 assistirmos inertes aos rumos históricos, como se estivessemos parados diante do impasse existencial e mesmo
619 ontológico que a técnica moderna promove.

620 Quanto ao impasse de Heidegger, Sloterdijk é pro-ativo e demarca um distanciamento do filósofo da Floresta
621 Negra. Não há no pensamento de Sloterdijk nenhuma perspectiva tecnofóbica. A técnica não seria algo estranho
622 ao homem. Na realidade, a técnica é o único caminho do homem pois ele próprio é um produto técnico no
623 seio da cultura. O que cabe à humanidade, enquanto civilização, é decidir o que fazer com as antropotécnicas
624 disponíveis e por se inventar. A saída passa por restabelecer relações antropotécnicas com o objetivo de constituir
625 uma sustentabilidade maquínica do ser em seu conjunto e da qual dependem nações inteiras e conglomerados de
626 populações que somam mais de sete bilhões de seres humanos, configurando civilizatoriamente uma imunologia
627 geral ou uma esfera coimunitária comum, na perspectiva de Sloterdijk. 52 52 Cf. Edgar Morin & Peter Sloterdijk.
628 *Rendrela terre habitable*. Paris: Pluriel, 2011. Neste diálogo com Edgar Morin, Sloterdijk considera que o
629 ser humano é constituído de três sistemas imunitários. "Le premier est celui de l'immunologie biologique,
630 l'immunologie du corps, qui a bouleversé nos idées sur la santé du corps. Le second est celui de l'immunologie
631 juridique et solidaire, et le troisième, celui de l'immunologie symbolique: ce sont les mythologies, les religions et les
632 grandes interprétations de notre être au monde. Jusqu'à présent, il est évidente que chaque communauté réelle,
633 chaque peuple, chaque impérativo ético e político da sobrevivência do comum, isto é, a proteção e a continuidade
634 das culturas e das nações só será possível em uma relação de interdependência entre elas. Na realidade atual
635 na qual o mundo vive uma crise pandêmica causada pelo Covid-19, tal imperativo torna-se premente entre as

Essa

questão duas
converte-
se em

problemáticas, uma acerca de como a manipulação genética do material orgânico do homem e da natureza alterará a própria concepção humanista do homem e do mundo, e outra referente à domesticação do ser, de caráter mais imediatamente formativo e cultural.

Enquanto as biotecnologias contemp

desenvolvem antropotécnicas capazes de modificar o material genético e a reprodução biológica do corpo humano, as mídias desenvolvidas desde o século XX produzem um ambiente sociotécnico propenso a profundas alterações nas formas como o ser humano se relaciona consigo, com os outros e com o mundo. Afinal, de que forma o Dasein, que para Heidegger, é o guardião do ser, conseguirá domesticar os imensos potenciais interiores e exteriores inerentes ao seu destino epocal?

No processo antropotécnico das cult

linguagem e o pensamento desempenham certamente

[*Note: Sloterdijk, Regras para o parque humano, p. 37. da*]

Figure 1:

Para Nietzsche, o verbo domesticar refere-se a uma modalidade moral específica de proceder a formação do homem. Em Sloterdijk a expressão concerne ao fato de que o homem não pode prescindir da construção de seu próprio lar para nele viver.

português como "educação", refere-se, primacialmente, à "criação (de animais) que visa a um aprimoramento", p. 56; o outro termo, Zähmung é traduzido como domaçaõ. Em uma segunda edição consultada, o tradutor Paulo César de Souza opta por "cultivo" e "amansamento",

respectivamente Nietzsche,

Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 50. -Em nosso artigo, optamos pelas expressões adestramento e domesticaçaõ.

[*Note: 34 Nomenclatura desenvolvida em detalhes por Nietzsche na primeira dissertação da Genealogia da moral, p. 29ss.35 Embora não desenvolva em detalhes, Sloterdijk menciona outros processos antropotécnicos além de domesticaçaõ: adestramento e criaçaõ. Cf. Regras para o parque humano, p. 36.]*

Figure 2:

636 nações. Uma coimunologia geral, neste caso, significa o reconhecimento tácito de que nenhum país será capaz de
637 resolver a crise virótica isoladamente. ^{1 2 3 4 5 6 7 8}

¹Ernst Jünger, "A mobilização total", in *Natureza humana*, jun. 2002, vol.4, Nº 1, 2002, p. 198.3 Cf. Martin Heidegger, "A questão da técnica", in *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 18ss.4 Ernst Jünger, "A mobilização total", in *Natureza humana*, p. 199.

²Martin Heidegger. *Serenidad*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994, p. 23-25.6 Paul Virilio. *La bomba informática*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999.7 Diz Peter Sloterdijk: "eis que aparece agora um novo perigo assustador no horizonte: o apocalipse biológico e a transformação incontrolável do homem em um monstro pós-humano", in <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1010199906.htm>. Acesso: 15 de maio de 2020. Cf. Peter Sloterdijk. *La domestication de l'être: pour un éclaircissement de la clarière*, p. 34.

³Citado por Sloterdijk, in *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 26. -Cf. Martin Heidegger. *Sobre o humanismo*, p. 55.12 Cf. Sloterdijk, *Regras para o parque humano*, p. 26-27.13 "Je veux essayer de montrer dans les lignes qui viennent que la méditation heideggerienne sur l'extase existentielle a aussi une signification pour la compréhension de la crise actuelle dans la définition biologique de l'homme par soi-même-dans cette crise qui affecte les modes d'intervention de l'homme sur l'homme, pour lesquels j'ai introduit dans mon discours prononcé à Bâle en à Elmau, Règles pour le parc humain, l'expression 'anthropotechnique'". Peter Sloterdijk. *La domestication de l'être*, p. 17.

⁴Cf. o estudo e a tradução de Oswaldo Giacoia Jr. *Clássicos da filosofia: cadernos de tradução nº 3: Friedrich Nietzsche: A 'grande política' fragmentos*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002. 20 "Je voudrais à présent montrer, au moins sous forme d'esquisse, comment il faut procéder si l'ons veut raconter sur le mode ontologique l'histoire du devenir-homme". Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être*, p. 21ss.21 Sloterdijk denomina esse processo de a "aventura da hominização", a qual explica como o "animal sapiens se tornou o homem sapiens" aberto ao mundo no sentido ontológico. Cf. *Regras para o parque humano*, p. 33-34. Essa história, se atentamente investigada, mostra de que forma, por meio de que efeitos, o ser que somos adquiriu as características biofísicas capazes de dotar

⁵Cf. Sloterdijk. *La domestication de l'être*, p. 50.23 Cf. Sloterdijk, "Penser la clarière, ou: la production du monde est le message" in *La domestication de l'être*, p. 35ss.24 Cf. Sloterdijk, *La domestication de l'être*, p. 26.

⁶"L'ontoanthropologie s'interroge sur les deux à la fois: sur l'extase humaine, qui porte le nom d'être-dans-le-monde, et sur l'ancien animal qui a connu ce devenir-extatique -on pourrait aussi dire: qui s'est donné cette extase". *La domestication de l'être*, p. 27-28.

⁷Cf. Sigmund Freud, "O mal-estar na civilização", in *Obras completas volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 90.

⁸"De fato, Heidegger interpreta o mundo histórico da Europa como o teatro dos humanismos militantes; ele é o campo no qual a subjetividade humana leva a cabo, com fatídica consequência, sua tomada de poder sobre todos os seres. Sob essa perspectiva, o humanismo se oferece como cúmplice natural de todos os possíveis horrores que podem ser cometidos em nome do bem humano". Sloterdijk, *Regras para o parque humano*, p. 30-31.47 O que não impediu a barbárie. Quanto mais se recua no tempo mais barbaridades vão aparecendo. É o que veremos a seguir.

-
- 638 [Galeno et al.] , Alex ; Galeno , Castro; Gustavo , De .
- 639 [Virilio et al. ()] , Paul Virilio , La Bomba Informática , Madrid . 1999. Ediciones Cátedra.
- 640 [Virilio ()] *A arte do motor. São Paulo: Estação Liberdade*, Paul Virilio . 1996.
- 641 [Jünger (2002)] ‘A mobilização total’. Ernst Jünger . *Natureza humana*, jun. 2002. 4 p. .
- 642 [Ce qui menait à cette situation paradoxale que pour assurer sa propre protection immunitaire il fallait nuire au système immunitaire il fallait nuire au système immunitaire des autres. Même le phénomène de domination de l’homme par l’homme, (culture a développé son propre système immunitaire symbolique. peut être réinterprété dans une terminologie politico-immunitaire)
- 643 *Ce qui menait à cette situation paradoxale que pour assurer sa propre protection immunitaire il fallait nuire*
- 644 *au système immunitaire des autres. Même le phénomène de domination de l’homme par l’homme, (culture*
- 645 *a développé son propre système immunitaire symbolique. peut être réinterprété dans une terminologie*
- 646 *politico-immunitaire)*
- 647 [Silva and Costa Da ()] *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação*, Josimey Silva
- 648 , Costa Da . 2003. São Paulo; Cortez.
- 649 [Nietzsche ()] ‘Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo’. Friedrich Nietzsche . *Lisboa: Edições*
- 650 *2002. 70.*
- 651 [Nietzsche ()] ‘Crepúsculo dos ídolos, ou como se filosofa com o martelo’. Friedrich Nietzsche . *Companhia das*
- 652 *Letras, (São Paulo) 2006.*
- 653 [Heidegger ()] *Ensaaios e conferências. Petrópolis: Vozes, Martin Heidegger . 2006.*
- 654 [Galeno and França ()] ‘Fagner Torres de (org)’. Alex ; Galeno , França . *Ensaaios antropológicos -máquinas e*
- 655 *humanos. Curitiba: CRV, 2019.*
- 656 [Jr and Oswaldo ()] *Friedrich Nietzsche: A ‘grande política’ fragmentos. Clássicos da filosofia: cadernos de*
- 657 *tradução nº 3. Campinas: UNICAMP/ IFCH, Giacoia Jr , Oswaldo . 2002.*
- 658 [Nietzsche ()] ‘Genealogia da moral: uma polêmica’. Friedrich Nietzsche . *Companhia das Letras, (São Paulo)*
- 659 *2004.*
- 660 [Heidegger et al. ()] Martin Heidegger , Serenidad , Barcelona . *Ediciones del Serbal, 1994.*
- 661 [Sloterdijk ()] *La domestication de l’être: pour un éclaircissement de la clarière*, Peter Sloterdijk . 2000. Mille et
- 662 *Une Nuits*
- 663 [Freud ()] ‘O mal-estar na civilização’. Sigmund Freud . *Obras completas, 2010. 18.*
- 664 [Sloterdijk ()] *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*, Peter
- 665 *Sloterdijk . 2000. São Paulo: Estação Liberdade.*
- 666 [Morin and Slotertdijk ()] *Rendre la terre habitable*, Edgar & Morin , Peter Slotertdijk . 2011. Paris: Pluriel.
- 667 [Loparic (2002)] *Resenha da obra de Peter Sloterdijk Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger, in Natureza*
- 668 *humana, Zeljko Loparic . jun. 2002. 4 p. .*
- 669 [Sloterdijk propõe inserir o homem, tal como o pensou com afinco Heidegger, em uma história que não se limita à verdade do ser,
- 670 *Sloterdijk propõe inserir o homem, tal como o pensou com afinco Heidegger, em uma história que não se*
- 671 *limita à verdade do ser, mas que, sabendo esta verdade, empreende a difícil tarefa de pensar a história da*
- 672 *humanidade à luz de um pensamento que se pretende pós-humanista e pós-metafísico, anunciando com essas*
- 673 *ideias inovadoras uma história técnica da clareira, ou mais profundamente, uma história maquínica do ser,*
- 674 *que, segundo pensamos, (já está sendo feita por autores contemporâneos)*
- 675 [Heidegger ()] *Sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Martin Heidegger . 1967.*
- 676 [Sloterdijk ()] *Tens de mudar de vida: sobre antropológica. Portugal: Relógio d’Água, Peter Sloterdijk . 2018.*